



APPELLERIA

ANNO X NUMERO 428 RECIFE 18-1 930

Preço 1000 Rs.



A
Experiencia
tem
demonstrado
d e
sobra
que é

A
CAMISARIA
ESPECIAL

á Rua Duque de Caxias 235

Phone 6136

QUE MELHOR SORTIMENTO TEM, e mais
barato vende camisas, cerolas, pyjamas,
collarinhos, gravatas lenços, meias e per-
fumarias, artigos para viagem cama e
mesa.

Os

milagres da imaginação

Imaginação!... amiga boa das creaturas!... companheira compassiva e consoladora dos que sonham, dos que amam, dos que desejam!... quanta felicidade e quanta alegria tens espalhado na face da terra, com os teus enganos, as tuas illusões, as tuas doces mentiras!...

E que seria dos que sofrirem, sob o sol, sem o sorriso desta encantada Fada, que faz todos os milagres?

E' a imaginação — ella só — que distribue entre os homens as graças divinas do sonho!

E ha creaturas que recebendo das suas mãos dadasivas uma illusão, recebem a propria felicidade...

Conheço casos. Querem que cite?

Farei desfilár aqui, numa parada nelancolica, a galeria dasgumas creaturas felizes, 3 exemplos,

Exemplo n. 1: — Aquelle joven e illustre advogado, cujo prazer maior, na nossa sociedade, é contar os seus "casos" sentimentaes — e que deliciosos "casos"! Conta-os com brilho e encanto singulares. E quem o ouve falar, até acredita que aquillo tudo é verdade. Ha, mesmo creaturas ingenuas que o invejam!

Que sujeito de sorte!

Entretanto, aquillo tudo não passa de imaginação! illusões que a boa fada consoladors poz no seu espirito triste...

Elle não tem "casos", não tem nada! Mas é perfeitamente sincero — e não mente; está convencido de que todas as mulheres andam apaixonadas por elle, e é o amante imaginario das mais lindas creaturas do Rio.

Exemplo n. 2: — Aquella moça que pensa que é bonita. "Toilette" de Lauvin, chapêo de Madglaine, ina e ondulante como uma illusão da "Happers Bazar", ella salta do seu longo "Packard", que fica lá fora brilhando na luz polida dos vernizes e dos metaes ofuscantes. Com aquelle rythmo de ave cansada, que aprendeu no cinema, ella dá alguns passos pelo ardim e depois, tranquillamente, mergulha no silencio grave daquella porta mysteriosa... Vae feliz,

Contente, comsigo e com a vida. Porque pensa que é a mulher mais bonita do mundo. Comprou nos costureiros de Paris a elegancia e suppôa que comprou a belleza. Mas a imaginação pôe dentro della a alma longinqua de Narciso — e ella encontre na mentire diaria do seu espelho a alegria da felicidade.

Exemplo n. 3: — Aquelle cidadão que apesar de feio, ignorante e tolo, tem um sorte para mulheres...

E' riquissimo. Possui tres lindos automoveis. O livro de cheques não lhe sahe do bolso. E tem dois magnificos "bangalows", como diz elle, "estyló colonial", em Copacabana. Pois bem. Segundo elle mesmo informa, com orgulho e segurança incriveis, tem inspirado paixões terriveis. Varias bailarinas e artistas francezas, do Pensão Richard, estão loucas por elle. Uma viuva pobre, mais decente, de largas banhas e poucos recursos, perseguiu com um amor furioso. G uma senhora da alta roda linda e virtuosissima, que tem o marido desempregado e possúe assignatura do Municipal, joias, "toilettes" de Paton e chapêos de Lews, tem loucura por elle. Assim outros, muitos outros casos.

Elle, com o livro de cheques no bolso e uma comovedora ingenuidade dentro da alma, exclama cheio de orgulho:

— Sou um homem feliz!

E é apenas um homem de imaginação.

Iriamos longe si quizessemos estender a proclissão dos exemplos...

Porque tudo pode a imaginação: E' a amiga melhor das creaturas — e como toda amiga boa que se preza, engana frequentemente as creaturas... Mas, afinal de contas, dá aos homens tudo quanto elles desejam e sonham... e dá-lhes tambem, a illusão da felicidade!

Imaginação... teu nome é mulher!...

Que

PEREGRINO

JUNIOR

escreveu

A festa de Lili

O «chauffeur» da família Sampaio da Cruz caminhava ao longo da praia de Copacabana, detendo-se de quando em quando à porta de um palacete. A mão callosa aperta va o botão da campainha e, a vinda criada, tirava respeitosamente o chapéu, entregando-lhe um envelope rosado.

E lá se ia, rumo a outras casas, repetindo sempre o recado:

— Da parte de *mademoiselle* Sampaio da Cruz.

E assim esgotou o enorme maço de missivas que levava.

Era um cartão commum, onde em letras banaes, pompeava a ousadia destes dizeres:

«Lili Sampaio convida para um chá-dança em sua residência, a avenida Portugal, 000, no dia 16 de janeiro, às 16 horas. Traje: *maillot*».

Dizeres que maravilham as cabecinha louras ou negras das amiguinhos de Lili, ao lerem o convite.

No mesmo dia, as melhores costureiras do Rio, entre muchochos de incredulidade e sorrisos de ironia, receberam encomendas diabólicas, dignas talvez das bacchantes dos tempos dionysiacos...

Dias luminosos succederam-se. E, dominando a ciranda das horas, a tarde de 8 de janeiro linda, tropical, rebrilhou nas pedreiras da Urca.

Lili, entusiasmada e contente, esperava deante do espelho, o primeiro convidado.

Tres sons de busina americana cantaram ao longe. Lili mal teve tempo de collocar a capa de setim ao hombro. Desceu as escadarias, correndo, e achou-se no parque, junto a um automovel verde de seu noivo.

— Luiz! Ah...

Luiz contrariado, a physionomia alterada, descia do carro vestido jaquetao escuro e calças de flanela branca.

— Que significa isto? — disse Lili desapontada.

— Significa que não me presto ao ridiculo de comparecer a uma festa de «*maillots*».

Está bem; foste o unico a sensurar a minha idéa. Então, para que vieste?

— Queres que me retire?

— Faze o que entenderes. Vou receber meus amigos. Adeus!

Luiz viu-a afastar-se; achou-a soberba, a capa já meio despida, os braços jaspeados à amostra.

— Meu dever é ficar; não devo deixá-la so. Ainda se seus paes estivessem presentes...

Preocupado, o rapaz enveredou pelo caminho bucolico dos aquarios.

A festa começara empolgan-te. Os salões, decorados com originalidade e arte, apresentavam o aspecto das mais modernas praias de banho.

Barraquinhas de muitas cores, balões e lanternas, peixes gigan-

tes, tudo em accordo de «*smoking*» estilizado.

Danças. O «*jazz*» allucinava, o «*champagne*» entontecida.

Pernas escandalosamente nuas. Collos esplendorosamente impudicos.

«*Flirt*».

Loucura.

Mocidade.

Lili vencia mais uma vez, (Era o que lhe dizia, ao ouvido, Jorge, o favorito do momento).

— Magnifica, a tua festa! Ella ficará para sempre gravada na historia do progresso carioca...

— Bondade sua...

A orchestra tocava um tango.

— Não fales nisso, agora, Lili. Sinto até desejos horriveis de ser mão... Sabes que o teu «*maillot*» é um paraíso e a tua bocca a maçã prohibida de meus sonhos?

— Cala-te Jorge! Luiz é teu amigo...

— Que me importa a amizade num instante como este? Mais «*champagne*», Lili...

— Duas taças.

— Uma que se parte.

— Uma garrafa para duas boccas.

— Embriaguez...

De musica só reminiscencia...

Os negros xingavam blasphemias sonoras, crucificando a arte no madeiro dos instrumentos desafinados.

Era noite e fazia luar.

— Vamos terminar a festa com um banho no lago?

— Vamos!!!

Na sala ficou apenas a soledade somnoienta dos «*abat-jour*»...

Luiz, sentado num banco de pedra viu aproximar-se o estranho cortejo.

A frente. Lili abraçada a Jorge. Depois, seus melhores amigos cantando cantigas desconexas, tontos, lamentavente tontos! Em que triste estado aquellas moças, cujas mães, si as vissem assim, chorariam de vergonha!...

Elle bem advinhara: tal festa não podia acabar de outra maneira!

— Roberto! Roberto! É a tua vez!

Luiz ouviu o baque de um corpo sobre as aguas.

— Vera! Tu!

Depois, outros, ás gargalhadas, espalhando agua martyrizando peixinhos vermelhos.

— Meu Deus! Lili!...

Luiz precipitou-se. Lili falseara

A PILHERIA

Revista mais antiga do Norte do Brasil

A correspondencia, bem como a remessa de dinheiro (por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigido a

A Pilheria S. A

Redacção e officinas proprias.

39 — Rua Visconde do Rio Branco — 39

Recife - Pernambuco

Autophone - 2. 5. 1. 5.

Acceitam-se trabalhos avulsos de qualquer natureza

tescos e cabines onde se lia a «buena dicha». A alegria culminava e o esplendoroso desfilar dos «*maillots*».

A mulher brasileira triumphava no scenario cinza do crepusculo nascente; adornada de ar ostra de vestes que mal lhe cobriam o corpo, mimos de crepes labyrinthicos pedaços de seda, tecidos em ouro, formando menstros fabulosos de fundo dos mares, em missangas e fitas, plumas e arminhos... Os rapazes todos de negro, num

o pé e cahira sobre as pedras.

E nada mais viu.

Só uma semana depois, Lili foi considerada fóra de perigo. Seus paes, chamados com urgencia ou viram-na perto da agonia. Luiz vi-a visita-la todos os dias. Desesperava com as noticias más e exultava com as boas. Naquelle tarde viera mais cedo; não conseguira dar attenção ao trabalho.

Sentado no «hall», esperava que o medico se retirasse recordando detalhes dolorosos do incidente quasi mortal que sacrificára Lili. Lembrava-se haver dito aquelles loucos se retirassem quanto antes, senão os obrigariam a sahir a chicote. Vira-os tomar as «baratinhas» encharcados, sem comprehender bem e que se passava.

— Corja de bebados! — gritaralhes, indignado.

Pobre Lilizinha! Si Ella advinhasse que a sua phantasia traria semelhante resultado...

E Elle? Que attitude deveria tomar?

Sua constancia em visitar a noiva, a todos dava a entender que continuava o mesmo. Mas depois da leviandade de Lili, poderia ainda querel-a ainda para esposa?

Não!

Illudira-se com ella, desconfiára de sua sinceridade, e isso era bastante para afastal-a de sua vida.

A traição vingal-se.

A leviandade peor: perdôal-se. E não ha nada de mais doloroso para um namorado do que perdoar a pessoa amada que o offendeu.

«Perdoar é a maneira piedosa de despresar...»

— Mademoiselle espera-o, senhor.

E a enfermeira levou-o, através dos salões, ao quarto branco da doente.

Luiz sentiu uma timidez repentina invadir-lhe todo o ser

— Bom dia, Lili... Estás melhor?

— Quasi boa, Luiz. Creio que a morte não me quer.

— Graças a Deus. Pensas ainda em offerecer festas como a ultima?

— Nem me fales, Luiz...

E o silencio, como um conviva importuno, ficou entre elles.

Lili aos poucos adormeceu.

Luiz pensou em retirar-se, dei-

xando um cartão desculpando-se em não voltar a visital-a, por ter de partir urgentemente.

Uma mentira convencional, apenas.

Iria procurar em outro bairro algum que o comprehendesse... Num turbilhão passou em sua mente mil perfis de mulher...

Nenhum se demorou a sua contemplação: um outro, o mesmo que se recostava na fronha de linho, impedia, como uma nuvem, o apparecimento dos outros!

Luiz presentiu a sua condemnação... Ficaria só, viveria para a sciência, para humanidade...

A PILHERIA

Revista quinzenal

Propriedade da S. A. A PILHERIA

DIRECTORES:

Dr. Alvaro Ramos Leal
Alfredo Porto da Silveira
Eugenio de M. P. Barreiro

Assignaturas:

Brasil—1 anno	30\$000
6 mezes	20\$000
Exterior—1 anno	48\$000
6 mezes	30\$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas.

— Luiz tenho as mãos frias...

Lili acordara de um sonho mal.

— Luiz, aquece-me as mãos...

O rapaz quiz fugir; si ella tivesse por algum tempo; aquellas mãozinhas entre as suas...

Não! foi a janella, viu a cidade pobre agarrada nos morros e a cidade rica nos cimos dos arranha-céus.

Viu a vida vertiginosa das ruas,

viu a população irremente que deixava as fabricas, a caminho do lar os grandes navios invadindo a Guanabara, procurando abrigo nos portos immensos...

A si mesmo Luiz indagou para que essa incessante ambição do homem, essa agitação eterna em torno do dinheiro, do lucro, da fortuna...

E onde ficava, então, esse dinheiro que se não amontoava nos cofres, e não enriquecia em breve tempo toda aquella multidão que trabalha? Nos «cabarets»? No jogo? No «bar»?

Luiz olhou mais uma vez a cidade, como a interrogar. E a resposta concisa, verdadeira e clara surgiu envolta no crepusculo: na calçada, humida de orvalho, um operario, que descera do ultimo bonde, dava a filhinha, que o fora esperar, um embrulho enorme, onde se via nas dobras mal feitas, a epiderme rugosa de um pão!

Luiz abaixou a cabeça, envergonhado. A verdadeira finalidade do homem é a familia.

Tudo quanto se faz no mundo é com esse unico intuito de levantar uma geração, sem a qual o mundo acabaria...

Acabaria se não houvesse amor... Não ha lar que resista sem amor...

— Luiz, vem...

Luiz precipitou-se: queria mais do que nunca a sua Lilizinha...

Fôra uma infantilidade a sua culpa. Ella tambem o amava, tinha certeza... Esqueceria o passado e haviam de ser muito felizes...

Fascinado, Luiz ajoelhou-se aos pés da sua unica mulher que o conquistara. Apertou-lhe as mãos, aproximou seus labios dos dells e houve um longo beijo para glorificar aquelle amor...

Magdala

da Gama

Oliveira

Lingva Portvgveza

*Qviz-la assi: «bella e inevlta»; a humana conti-
genu
sõe fazer rebentar de hym charco a Lvz da Glo-
ria,—
a Vida nol-o prova. E, foy da ascua llvsoria
do Passado que a Flôr do Lacio a luz da Scien-
cia*

*viv. Dizem-n'a traiçoeira os imbecys da Historial
Que o digão! Dar-lhes-hei, per piadade e clemen-
cia,
meo svpremo Peidão, meo riso de indulgencia,
perquanto os mays nem sempre o são per cavsã
ingloria*

*Saibam clltes, porém, os nescios maldizentes,
detratores, tartufos de almas decadentes,
podres fructos de de archaica e horripilante Es-
chola,*

*que hei de glorificar no soberbo, divino,
immortal esplendor do Verso Alexandrino
a lingva em que Camões morreo pedindo es-
mola!...*

Jayme de Sant'Iago

NOCTURNO

Todas as vezes que, melancolica e quêda,
ã Tarde morre assim, no extasis crepuscular,
de myrthos coroada e vestida de seda,
tal qual Terpsychore, a Noite vem bailar!...

Hã o rythmo emocional dos versos de Espronceda
e um perfume enervante espalhados pelo ar...
A bailarina grega atira, na alameda,
Os sete véos, que ninguem vê, feitos de luar...

Num circumloquio, gyra na ponta do pé...
Desfolham-se os rozaes nos jardins, tristemente..
— Quem será Yokanaan, lyrica Salomé

exhibndo o collar, solto no excelso azul,
das perolas de Ophir do estrellario luzente
e os brilhantes da cruz do Cruzeiro do Sul;

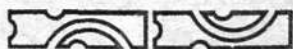
MAURO MOTTA

Renda Priori & Irmãos

Rua Padre Muniz n.ºs 127 - 147

Especial macarrão de semolina
unicos fabricantes

CHOCOLATE BEIJA FLOR



Melhor que um beijo

As rosas que murcharam CABELLOS BRANCOS?

Prá Eulina Coutinho

Eu me desenlacei da melancolia
Profunda da minha saudade,
E embriagado de alegria
Fiquei a te esperar... a te espe-
rar...

A noite inteira...

E não vieste...

Fazia tanto frio aqui por fóra!...

Porque demoras tanto?

Porque não vens, querida?

Não vês na minha vida,

Quase apagada

A candeia luminosa do desejo?

É porque com o tuz desses teus

olhos,

Com a carícia do teu beijo,

Não vens acender com teu amor

A minha ancía louca de viver...

De sonhar... de sonhar a vida in-

teira?

Não notas, como está tão calma,

Como está tão fria,

A Loção Brilhante faz voltar a
côr natural primitiva em 8' dias.
Não pinta porque não é tintura.
Não queima porque não contém
saes nocivos. É uma formula sci-
entifica do grande botânico Dr.
Ground, cujo segredo foi compra-
do por 200 contos de reis.

É recommendada pelos princi-
pales Institutos sanitarios do ex-
trangeiro e analysada e auctori-
sada pelo Departamento de Hy-
giene do Brasil.

Com uso regular de Loção Bri-
lhante :

1o. — Desapparecem completa-
mente as caspas e affecções para-
tarios.

2o. Cessa — aquêda do cabelo

3o — Os cabellos brancos des-
colorados ou grisalhos, voltam á
sua côr natural primitiva, sem ser
tingidos ou queimados.

4o — Detem o nascimento de
novos cabellos branco

5o — Os cabellos ganham vita-
lidade, tornando-se lindos e sedo-
sos e a cabeça limpa e fresca.

A «Loção Brilhante» é usada
pela alta sociedade de S. Paulo e Rio

A venda em todas as drogarias,
Perfumarias e Pharmacias de pri-
meira ordem.

A noite desse dia

Em minha alma!...

E eu passo horas inteiras

Na penumbra do meu silencio,

Regando as rosas do meu coração,

Talvez que venhas a qualquer mo-
mento

E eu não tenho flores para to of-
fertar,

Mas... estás pronunciando

Com a tua demora

Que as rosas irão murchar. .

Oíha: como vem tombaudo pregul-
çosa

A madrugada silenciosa,

Embragando a natureza

Com a essencia das florestas vir-
ginaes...

Há uma extase na pureza

Das brisas tropicaes...

Aproveita querida, essa frieza

E envolve-te na rajada

Da madrugada silenciosa;

Para vires,

Vestida dos meus desejos

Com a suavidade dos meus beijos

Que os tropicos perfumaram

Vivificar com perfeição,

As rosas do meu coração,

Que já murcharam!...

Milton da Veiga Pessôa

PÓ DE ARROZ

Lady

É O MELHOR

E NÃO É O MAIS CARO

SUPERIOR AOS ESTRANGEIROS

A venda em todo o Brasil e nas

Perfumarias LOPES

RIO - SÃO PAULO

Cabellos brancos



Cabellos brancos ! Esperança morta !
Um soluço, um gemido, uma ansiedade,
O desengano a nos bater á porta,
O declínio do sol da mocidade.

Cabellos brancos ! Dôr de uma saude,
Que de tristeza o coração recorta,
Recordação de magua e soledade,
Que martyrisa, punge e desconforta.

Cabellos brancos ! Poente do Deserto,
Tarde nevada, tarde de neblina,
Natureza florida em desconcerto.

Cabellos pretos ! Mocidade bella,
Graças á agua de colonia fina
Maravilhosa e hygienica, CARMELA.

Os cabellos brancos,
recobram sua côr
primitiva em poucos
dias.

Um vidro de Agua
de Colonia "CAR-
MELA", significa
15 annos de rejuve-
nescimento.

Está deliciosamente
perfumada.

Usa-se como loção
no momento de pen-
tear-se.

Vende-se em todas
as casas de Perfu-
marias.

CONCESSIONARIOS PARA
TODO O BRASIL

J. L. CONDE & C.

VISCONDE ITAUNA, 65

RIO DE JANEIRO

Agente, depositario em Pernambuco, LUIS PEREZ

Rua do Bom Jesus, 163-1º andar

DESDE muito menino que ouço dos maiores os mais rasgados elogios aos "infallíveis recursos" dessa classica e supranamente burguesa instituição humana, que acode por este energico rotulo: — Força de Vontade.

Tem conseguido coisas extraordinarias, dizem os antigos.

Convem aceitá-la e cultivá-la, dizem os contemporaneos.

Dizem todos... tem feito heroes, artistas (protesto); grandes homens (pode ser...) santos e abnegados!

Concordo com os abnegados, quanto aos santos, protesto ainda!

Tem fama, é verdade, a tal instituição. Não ha duvida.

E tem defensores convencidissimos!

Ainda bem...

Eu tenho até duas historias pra contar, a proposito:

Conheço um barbeiro de pé de escada, rhetorico e metaphisico (falla muito na dita), que diz ser um "explendido victorioso na vida (barbeiro de pé de escada...), devido só e só ao religioso cultivo da vontade".

Elle acredita mesmo ser um esplendido victorioso na vida...

Que dize illusão tem o nosso homem do que sejam esplendidas victorias na vida.

Pode ser...

Si o cultivo da vontade, desse a todos a doce illusão que deu ao barbeiro,

eu talvez até desse pra pregador da pomposa e rhetorica instituição.

Quem sabe!... A outra historia:

Elle tem 50 annos recheados de banha e muita Historia antiga.

Falla muito de santos e de abnegados.

E' burguez como ninguem. Dorme cedo. Acorda cedo. Come bem. Mastiga bem. Evacua bem. — Um magnifico animal!

Mais ainda: vae á missa aos domingos. Acredita em Deus. E' patriota!

Grande cultivador da vontade.

Diz sempre, textualmente, esta coisa monstruosa: "... tudo o que sou, devo á minha inquebratavel força de vontade, cultivada, desde creança (esse monstro foi creança!...), por uma sadia e methodica educação. Li livros extraordinarios na minha laboriosa mocidade. Smiles foi o meu Norte, por esse tempo. Continúa a sel-o. E será sempre. E' o livro para a mocidade que aspira. O que sou, devo a elle".

— Esse homem aspirou, mesmo? Será possível!...

Agora observe-se, elle diz: "o que sou"... E elle porventura é? E sendo, o que será? Que singularidade de monstro será essa besta!

Diz sempre que os seus desejos e paixões (elle terá mesmos desejos e paixões?) são



bem um carneirinho submisso, amarrado por fortes cordas ao esteio inamovivel de sua ferrea vontade".

Mas ainda: que o dito carneirinho — seus desejos e paixões, — preso ás taes fortes cordas, ha-de ser, sempre, "manobrado por potentissimas mãos de gigante — sua vontade".

E continúa: "Eu sou um joquete de minha vontade solida e pura".

Que monstro!! Isto é, pra mim. Salvo seja, em tempo.

Pois bem: enquanto pra elle, isto é, o monstro, os seus desejos e paixões (eu não acredito que esse camarada tenha desejos e paixões...), são para a sua "ferrea vontade" tal e qual carneirinho preso por mãos de gigante — sua vontade, eu sou, embora isso não interesse a ninguem, exactamente o contrario. A minha vontade, si é que eu tenho essa coisa, é que é, no caso, o tal carneirinho submisso aos meus mais desbragados desejos, ás minhas mais extravagantes paixões.

A minha vontade não existe, aniquilla-se, foge apavorada e ridicularizada, quando se manifestam, em mim, em qualquer momento, os meus gostosos desejos, as minhas magnificas e doidas paixões.

Dois monstros. Que belleza! O mundo só presta assim. Elle toca um apito, eu toco outro.

Bem diferentes os, nossos apitos!

Dois monstros. — Elle, de certo, ha de me considerar um monstro — um homem sem vontade! Eu tambem acho elle um monstro...

Esta tudo certo.

Duas classes de monstros!

Elle, imbecilmente, pertence á primeira; eu, instinctivamente, por uma questão de sensibilidade e emoção cerebral, pertenco á segunda.

Não briguem os por tao pouco..

Entre tanto, para que tudo acaabe mesmo em paz, la vae:

"Gloria aos Deuses nas alturas e paz, na Terra", — aos monstruosos homens de força de vontade!

a pi lhe ria

Jornal quinzenal
de letras fortes e
mundannismo que alfre-
do porto da silveira dirige
nesta cidade do Recife, —
numero quatrocentos e vin-
te oito - anno decimo -
dezoito de janeiro
de mil novecen-
tos e trinta -

TROVAS

(Para o talento do Sylvio Santos)

"Até as flôres enganam:"
Eu sinto pronunciar,
Mas vejo na propria flôr
A belleza de enganar...

Uma saudade amarella
Que a bem amada me deu,
Que eu guardei pensand onella,
Essa saudade morreu...

Mas a saudade, a saudade
Que nasce no coração,
Talvez lá na eternidad.
Sêja encontrada em botão...

Amôr—Perfeito uma flôr
De nome assim tão pomposo,
Repare como essa flôr
Tem um nome mentiroso...

Duvida? Corra este mundo.
Todos amores conquiste,
E verá que neste mundo
Amôr perfeito não existe...

A mulher que é flôr ainda,
Não sêja disso descrente:
Quanto mais linda, mais linda..
Quanto mais linda, mais mente..

Araldo Antunes



O casamento influe
tão pouco no amôr
de duas cria-
turas!

Deve ter sido justamente por pensar que o casamento não é mais do que simples convenção e que elle jamais chega a infiltr definitivamente no amor de duas criaturas que Charles Rogers e Nancy Carroll, aliás Abei e Rose Marie, não tiveram duvida, em "ROSA DA IRLANDA", em casar tres vezes seguidas, para fazer a vontade a si mesmo e, depois, aos seus respectivos paes.

O que importava, naquelle caso, era que os dois jovens se querassem ardentemente, immensamente, como bem poucas criaturas ja se quizeram. Dahi, interessava-lhes que nada as separasse jamais, que nada fartasse a uma felicidade verdadeiramente immaterial de ter a aproximação do outro, os carinhos da criatura idolatrada.

Para melhor esclarecimento procurem assistir este film no "Theatro do PARQUE, na proxima" 16a. feira.

Historia do meu amor

Em um dia a vida me levou a uma cidade generosa, onde o sol era marcante como lamina e as estrelas, garotas como bailarinas. Não havia então em mim, um pensamento sequer p'ra os olhos volúveis das mulheres. Ellas ficaram em outras paysagens, no abandono espiritual de uma carícia ou no traço vehemente de um desejo que se saciou. E os meus olhos, no destino mechanico de uma locomotiva, fitavam as distancias que se multiplicavam em céos de todas as cores, em rios que se rastejavam em curvas dormentes, em arvôres que se aniquilavam aos beijos flammantes do sol.

E nenhuma mulher em meus olhos!...

COMO EU VI UMA MULHER, QUE
NUNCA EU VIRÁ—

Noite. Um vestido azul lindamente compunha um corpo maravilhoso de mulher.

Vendo-o, pensei que fôsse uma costura de perfume, um veneno de seda com ciúme de que alguém fitasse em torpor a plasticidade impossivel da mulher. E quando eu vi uma bocca vermelha presa em um sorriso de porcelana, os olhos suaves como um segredo de amor acariciar o horizonte da noite constellada e uma espiritualidade gemer em phrases cultas e agilissimas uma palestra de emoções, senti que uma sensação violentamente interior approximava-me, della.

E a mulher era muito mais bonita que o vestido.

—E.L.L.A.—

Nem sempre a gente diz tudo que nasce em si. Muitas vezes é mister silenciar um desejo p'ra não maguar a sensibilidade de alguem. O homem civilizado é discreto. E quando é um pouco intelligente, revela em um galanteio linotypado, todas as esperanças, anseios, desejos, que as condições sociaes do momento não permitiram dizel-as. E o rapaz de olhos indecifráveis, romanticamente escreveu em lyricas facetas o romance de todo o seu amor platónico incomprehendido, sensual. Beijou uma bocca de mulher em uma espiral de fumo, desejou-a em uma expressão satânica de peccado, sentiu toda a sua femimidade em uma estylisação de pensamentos desconcertantes. Em um sonho.

A mulher ficou virgem p'ra seu desejo e indifferente ao seu amor. O rapaz de olhos indecifráveis era orgulhoso. E nunca disse a dama do vestido azul o seu esplendido romance interior.

—REVELAÇÃO—

Não se zangue, princeza!

Si com essa revelação a magua lhe invadir as palpebras divinas, feche os olhos, princeza, e faça destes pedaços da minha emoção uns farrapos de esquecimento p'ra o atrevimento do meu amor. E eu lhe beijarei os rastros das sandalias quando passar pelas estradas illuminadas. E eu lhe atrairei braços de narcissos quando o seu vulto de boneca de pó de arroz se desenhar nas sombras loucas do meu sonho.

Mas, me não desdenhe, princeza!...

—FINALIDADE—

O meu amor não é mais uma lenda romantica.

O véo azul de tafetá que a vestia sumiu-se esfarinhado em uma nuvem de perfume...

Meu amor! um anno de poesia, uma canção de Mussés, um verso de Géraldy ruflando brisas de myrhar, martellando faiscas de esmeraldas no cerebro de um rapaz de vinte e quatro annos...

Meu amor! o segredo de um heroismo que o requinte das horas silenciosas docemente embalam...

MEU AMOR! GRAÇA. PERFUME.
SONHO. DESEJO.

Meu amor, quem és?

Uma mulher p'ra me impressionar assim não poderia ser uma mulher vulgar. Quase nunca uma mulher me arrebatou. Nem sempre eu cortejo a mulher.

Meu amor!

Mulher bonita. Deusa da espiritualidade. Nossa Senhora dos sete peccados da minha vida... esta historia é sua... e não conte a ninguem a historia do meu amor.

ALTAMIRO
CUNHA

Henrique de Hollanda, é irmão de Martha de Hollanda a excelsa escriptora pernambucana...

E como ella, possui a retocar-lhe os sentidos dilatados uma ancia de ineditismo, um desejo esquisito de olhar a face das cousas pelo "Outro lado"...

"Epopéa do Tempo" é um lindo poema que Henrique de Hollanda nos mandou lá de Victoria, a cidadinha calma onde elle tem a sua mansão feliz...

Martha de Hollanda, a nossa magnifica prosadora, que vae editar brevemente "Delirio do Nada", o livro miraculoso da phantazias allucinadas e



Epopéa do Tempo

Depois da juventude,
Quando a arvore verde desta vida
Se tornou-secca e triste...
Depois, que o Tempo nos illudiu
Arruinando a guarida
Onde o sonho viveu e onde a *Verdade*
existe...
A epopéa do Tempo transparece
Na cabelleira branca, esvoaçante
Da mocidade linda que adormece...
E nesse pesadelo estonteante
Prosegue a caminhada,
Envolvído na poeira da demencia!...
E ao encontrar da vida a cumiada
Vai descambando a serra da existencia
Deixando tão somente
No rastro que ficou
Germinada a semente
Da saudade
Que ao passar semeou!...

Victoria, Janeiro de 930

Henrique de Holanda

de delirios humanamente sentidos...
E o "Delirio do Nada", será a consagração definitiva de Martha de Hollanda.

A EVOCAÇÃO DA MUSA ROMANTICA

O
SONETO
QUE
EU
FIZ



PARA
OS
SEUS
OLHOS
TRISTES

E Fora de tudo, eu quero muito bem a Ella.
Um grande bem. Um bem subtil, macio, leve,
que a gente sabe, ouve fallar e não escreve,
tanto é tão subtil e bom, e Ella amorosa e
bella.

s *d* *r* *i* *a* *s*
Perfil de grega trabalhado em rosa e neve...
Um amorzinho assim de trecho de novella,
porque a mulher que eu amo é simplesmente
aquella
que está cheia de mim com o seu sorriso
breve.

r *i* *a*
Meu Amor! Que ventura doida, é esta ventural!
Este me pertencer sem ser meu! Tudo quanto
dElla me vem, me vem da sua formosura!

a *s*
Tudo quanto entre nós é bello e superior,
porque eu fui para Ella o seu primeiro en-
canto
e Ella foi para mim o meu primeiro amor.

Boneca de panno

Boneca de panno dos olhos de conta,
vestido de chita,
cabello de fita,
chêinha de lâ.

De dia, de noite, os olhos abertos
olhando os bonecos que sabem mar-
char,
calungas de mola que sabem pular,

Boneca de panno que cae:
Não se quebra, que custa um tostão,
Boneca de panno das meninas infe-
lizés que
são guias de aleijados, que apa-
nham pontas
de cigarro, que mendigam nas es-
quinas, coitadas!
Boneca de panno de rosto parado
como essas
meninas.

Boneca sujinha, cheinha de lâ—
Os olhos de conta caíram. Ceguinha
rolou na sargeta. O homem do
lixo a levou,
coberta de lama, nuinha,
como quis Nosso Senhor.

J O R G E D E L I M A



O crepusculo e a minha namorada

que AMERICO D' OLIVEIRA escreveu

O crepusculo é um sorriso triste que
a bocca da noite anda sorrindo...

As estrellas do céu são os dentes de ouro da
bocca da noite...

A minha namorada, que é passadista, não
gosta dessas cousas...

chama de "saturismo".
Fiz uma briga enorme...

Ella diz que o crepusculo é hora
da saudade.

Engraçado...

GRASIELLA CABRAL

2a. PARTE

Faz hoje no Santa Izabel o seu recital de declamação. O nome da declamadora e o que sobre ella já escreveram os intellectuaes conterraneos são uma garantia do successo para logo mais, á noite. A arte de Graziella Cabral tem qualquer cousa que faz a gente ficar querendo bem aos poetas que ella interpreta... E faz a gente ficar querendo um bem maior a Graziella Cabral.

Para a sua festa de arte, a «diseuse» que Sergipe nos mandou escreveu um programma cheio de cousas bonitas. Vejam só a lindeza do cartaz:

1a. PARTE

Mãos Postas--Guilherme de Almeida
Rua do Assunguy--Tasso da Silveira
Canção da Saudade--Olegario Marianno
Ao embalo do berço--Cleomenes Campos
O dia--Passos Cabral
As sete sombras--Alvaro Moreyra
Esquecer--Hermes Fontes

Sórdade de Caboclo--Odilon de Alencar
Poema das duas mãesinhas--Jorge de Lima
Joaquina maluca--Jorge de Lima
Aspiração--Alvaro Moreyra
Historia--
Pedido--Coelho de Almeida
Cadê que eu posso--Flavio de Andrade
Sertão Ascenso Ferreira
Bumba Meu Boi--Ascenso Ferreira

3a. PARTE

Conselho--Peryllo d'Oliveira
Mãe Preta--Murillo de Araujo
Acalanto--Cleomenes Campos
Exaltação--Graziella Cabral
Dindinha Lua--Adelmar Tavares
Canto de Amor--Guilherme de Almeida
Olhos magoados--Passos Cabral
Excortação--Cassiano Ricardo

Isto fóra os «extras» que virão na certa...

c u l t u r a

para Iristião de atahyde

Embalado ao rodar centenário
de calendários
sobre calendários
o pensamento brasileiro
adormeceu inpotente
apático
preso
as injunções emboloradas
de línguas enrugadas
de além-mar...
até que o Homen.
— envelhecido precoce —
despertou um dia
sacudido
pela violência aromal
áspera e sonora
linda e saborosa
da terra-moça
explosiva
e tropical...
e inapto do seu cérebro
— tela de aranha
de toda emoção decalçada
elástica
importada
roupa-leita
de preconceitos e helenismos
tradicional...
numa xenophobia
prophyctica
de brasilidade dominadora
violenta
e bruta...
e saltar agul
reanimada
a devorar com kilómetros de olhar
curvas e rectas
rectas e curvas
de praias vestidas
de tangas
de coqueiros
de praias esmagadas
por toneladas
de rochedos
de praias todas nuas
tomando banho
de sol...
a dilatar
com quilhas vagarosas
de saveiros
mares esquecidos que são mares
na illusão rasteira
de lagoas...

a saltar
com torços musculosos
e encardidos
de línguas
mares violentos e arrepiados
da immobilidade passiva
de arrecifes...
a abraçar
e ascender
thoraces vegetaes
dum deserto impudico
e primitivo
de beijar
labios anemados de corolas
e grãos de pollen
derramados
pelo ar...
a lançar para o ar
buteias de esmeraldas
filões de ouro
lenciras de diamantes
fardados
e amalgamados
em mineiro de prata
de cobre
de aço
e de carvão de pedra...
a subir
sem vertigens
a exclamação de granito
do litoral
para aquecer-se mais de perto
ao calorifero de sol...
a cavalgar
dorsos de montanhas
stuidas
do colorido das cascatas
para disputar
a victoria
a cordilheira dos Andes
na pista continental
da America do Sul...
e depois
lançar
nas subterraneas de Morro Velho
os arceges
de aço e granito
do edificio primitivo
desarmónico
e inesperado
da Cultura Nova
do Brazil...



D. EUDOXIA AFFONSO PEREIRA, distincia figura da Sociedade parahybana, que está entre nós acompanhada de Elyette, a "grande" declamadora que ainda não pode andar sosinha.

Uma linda festa de declamação

ELYETTE AFFONSO PEREIRA, a pequena declamadora parahybana fez terça-feira última mais uma bonita festa de declamação.

E o grande público que enchia o Santa Izabel, aplaudiu a valer os poemas e as "historias de trancoso" que Elyette disse com aquella graça e aquella sensibilidade que nos causam espanto e entusiasmo.

Foi este o programma da festa de Elyette:

PRIMEIRA PARTE

Jorge de Lima --- Essa nega Fulô
Mello Barreto Filho --- Pharol da Barra
Eudes Barros --- Jesus Brasileiro
Helio Simões --- Namoro
O Meu pae e o meu Avô --- Catullo Cearense
Cleomenes Campos --- Onde a ventura móra
Alvaro Moreyra --- Chromos.

SEGUNDA PARTE

Ferreira dos Santos --- Você
Coelho de Almeida --- Pedido
Adelmar Tavares --- Dindinha Lua
Augusto Wanderley --- A Boneca
Olegario Mariano --- Telephonema
" " " " --- Kremexse.

Cousas soltas para você

A luz dos olhos de amêndoa de você, illuminou em meu cérebro uma porção de cousas bonitas, mas que só podem ser vistas por mim.

O som de crystal partido da voz de você, acordou em minha alma um punhado de cousas boas, mas que também só podem ser vistas por mim.

Você é como a chuva que caisse no Ceará de minha vida e fizesse brotar exuberante de seiva, o algodão em rama do meu amor;

Mas antes de haver sido como a chuva, você foi como o sol que derretesse as geleiras de meu peito, onde eu deslisava no "ski" da indiferença.

O halito de lracêma; rescendia mais perfumado no bosque, do que a baunilha;

O halito de você, se exhalava mais perfumado para mim, do que o halito de lracêma.

Toda você se retratou pela objectiva de minha retina, na chapra sensível da kodak de meu coração.

Eu tenho uma porção de cousas para dizer a você, mas não digo porque essa porção de cousas é a que eu tenho estado a escrever, e no fim, vejo que ella nada disse... e eu escrevi a porção de cousas que tenho para dizer a você.

Gruchy

Contemplação

Especial para A Pilheria

Contemplando os teus labios tentadores,
 formosos e odorantes,
 tenho a impressão
 de vêr teu coração
 a transbordar de amôres,
 com mil nomes de amantes
 que felizes gosaram
 o teu formoso olhar.
 E scismo...
 E contemplo a immensidade do abysmo
 em que elles se lançaram,
 e quero me lançar.
 Como a pequena e louca barboleta,
 morta de amôr, sedenta de prazer,
 vôar... vôar...
 nelles buscar
 a morte ou a grilheta...
 E' o extase do amôr, a loucura da vida,
 motte que a gente quer,
 veneno duiçuroso,
 o que nos traz um beijo de mulher...

Mas os teus labios roseos, tentadores,
 são como a linda flôr,
 em que muitas abelha vão pousar...
 Fico a scismar...
 fico a pensar...
 são como o Sol,
 desde o arrebol
 nos traz calor,
 enquanto os labios teus matam de amôr...

Ah! se os encantos
 dos labios teus
 fossem só meus!...

Foram tantos os teus adoradôres!...
 Como encontrar os virginaes fulgores,
 novos, fêcundos, de emoções em flôr?

Talvez quando eu quizer,
 em teus labios, mulher,
 oscular uma flôr,
 veja-te a suspirar... a relembrar...
 um velho e triste amôr...

Mariãos, Maio de 1929.

Paulo

Sarmenio

Ely e Ite
 Affonso Pe-
 reira a de-
 clamadora
 menor do
 mundo en-
 controu es-
 te amigui-
 nho num
 dos jardins
 da "Bôa-
 Terra", e
 resolveu fa-
 zer pose...
 Vejam só...



- «Boneca de 1930» -

(Pra meu irmão José Ruy)

...Você disse que apes-
 ar de um seculo já lon-
 je, dos gritos do jazz, das
 maravilhas do radio, das
 lições vivas dos cruzei-
 ros aéreos-tanto progres-
 so,—frisou— as mulheres,
 embora já sem os mes-
 mos trajes tuçados das
 saias de folhos, de cha-
 malotes claros, sem o gru-
 po de cachos arrumados
 ao lado das fontes e sob
 a teia fina de renda, sem
 sombra do romantismo
 de outrora (frisou tam-
 bem) -- são as mesmas
 bonecas de sempre...

...São bonecas para
 dizer com você — mais
 vivas, que sabem andar
 sozinhas, que não vivem
 só de vitrina, que traba-
 lham também, estudando,
 ou escrevendo, empre-
 gando sua actividade em
 bancos, em escriptorios...
 E que por isso mesmo,
 ficaram mais caras para
 vocês... Você accentuou

«sem sombra de roman-
 tismo,» mas de certo não
 quiz dizer sensibilidade
 não foi? O romance de
 tres volumes, o duello, a
 ponte levadiça, o conven-
 to, a princesa, tudo isso,
 sim, foi victorioso para o
 cinema, mas não se es-
 queça que o amôr, a de-
 dicação, o dever, foi e é
 de todos os tempos...
 Fazem a maxima da pro-
 pria vida.

—...Uma boneca atur-
 dida, que vive a rir-se, a
 dar trotes pelo telepho-
 ne, que quer provar dos
 cocktails, que gasta os
 olhos em flirts, e flirts,
 louca de futilidade, e mais
 e mais...

—...Porem veja: não
 é uma assim que lhe de-
 sejo. Exanime-a bem na
 caixa, antes: faça uma
 escolha acertada, e depois
 me mande dizer n'uma
 boa surpresa ouviu?...

THEREZINHA CALDAS

Sei Lá... Tudo é Tão
Indefinido Nesta
Vida...

SOCIEDADE



**Mademoiselle
Dolores Galvão
lindo ornamento
de nossa melhor
sociedade.**

Porque não gosto de te? Sei lá... tudo é tão indefinido dentro da vida!

A aurora irrunca viu a apothese do sol morrendo... a luz nunca conheceu a doçura, a delicia da sombra... no entanto, são irmãs...

Eu sou o crepusculo e a sombra, tu és a luz e a aurora!

Vivamos desconhecidos dentro da mesma vida...

Não gosto de ti... e sempre anciei pelo instante delicioso de nosso mutuo conhecimento.

Eras para minh'alma, a maior vibração sentimental, o mais vibratil e esquisito temperamento!

Quando te vi, houve o desencanto e apparecete-me qual os outros homens, com os mesmos gestos de gentileza, as mesmas phrases ditas por todos.

Porque eras assim! Sei lá!...

E eu imaginei-te uma perfeição dentro desse ambiente materialissimo que se chama vida!—

E ficaste dentro do meu sonho, tu não, o outro, que cantou para meus ouvidos aquellas loucas canções de amor-felicidade...

Porem quem sabe se seremos amigos um dia? Sei lá... tudo é tão indefinido nessa vida!?

Pois bem fiquemos na soleira da cabana fina da indiferença e esperemos que um grande affecto te dê entrada no tempo-agosto do meu coração.

Quem sabe se não serás o senhor absoluto? Sei lá... tudo é tão indefinido, nessa vida...

Victoria Janeiro—1930

Irene Souto Maior

Está de luto a familia Porto da Silveira. Desappareceu D. Alzira Porto da Silveira Medeiros... Antonio Claudio de Medeiros, seu companheiro amantissimo, Alfredo e Alberto Porto da Silveira seus irmãos queridos, choram a alma cheia de bondade que se foi, e sentem o grande coração tão simples como a amizade que os unia nesta vida...

A nossa revista communga no sentimento profundo que os compunge na hora que passa...

A PILHÉRIA

Passo, todas as noites, na tua rua
socegada e quieta,
para olhar a tua casa e saber que
estou perto de ti
e para sentir o coração bater
e saber
que ainda te amo, que ainda te quero,
como nunca.

Eugenio

Coimbra

Junior

No

Ninguém me vê o vulto
esguio alongar-se em sombra pela parede,
sob a luz mortiça dos lampiões
meio apagados.

silén

Ninguém me ouve os passos incertos
pela calçada.

É eu sei, no entanto, que lá dentro
tu sonhas, talvez, com o nosso amor
tão distante de ti
como uma estrela separada da terra
por milhares de annos.

cio da

noite,

Molho sempre de pranto a tua janella
(a janella onde conversámos
as primeiras illusões do nosso amor)
E as manhãs claras de sol
ou tristes de chuva
vêm, ás vezes, me encontrar
ainda na tua calçada,
cheio dos sonhos que sonhaste
a noite inteira.

m e u

vulto pela

E nem sabes sequer,
e nem sequer te lembras mais
que houve um homem no mundo
que te amou,
e que existe uma alma cheia de
angustia na terra
que estende os braços para a vida,
e estende os olhos para o mundo,
e procura os teus braços
e anseia por teus olhos.

tua rua...

—Eu sou apenas o "guarda-nocturno"
amoroso

de tua rua de lampiões
tristes
que vela o teu somno
e que foge mal o dia amanhece.

SINCERIDADE

Maria Eugenia Celso

O DIFFICIL, meu amigo, é sermos nós mesmos. Não me chame pernóstica nem vá me achando sybilina. A cousa é simples e eu me explico em poucas palavras. Quando me deixou hontem, depois daquelle seu grito d'alma: — « que delicia ser amado por uma... por uma creatura absolutamente expontanea e sincera em todas as suas sensacções! Uma creatura primitiva, não deformada pela convivencia pessoal, um ente ainda perto da natureza!... » — E revidando a meu aparte ironico: — Uma tupiniquin ou mundurucú então?... — Tupiniquin, se quizer — respondeu-me com um sorriso á Fradique Mendes, — comtudo que soubesse mostrar a alma com a nuturalidade com que anda com o corpo á mostra.»

Puz-me a refleir sobre esta sua doentia sede de sinceridade a todo transe.

Mostrar a alma para que?...

A surpresa podia ser tão desagradavel!

E depois quem é que se pode gabar de ter realmente a alma com que nasce?... Sim, quem é que depois das mil e uma compressões cohibitivas do meio, da educação, da sociedade, conserva inteiriça e perfeita sua alma primordial?...

A civilisação nada é mais senão a sujeição cada vez mais inexoravel do instincto. Já pensou em toda a serie de «não podes» com que desde o berço nos tolhem systematicamente todos os impulsos?...

E' a religião, a lei, a tradicção, a familia, o mundo, a polidez, as posturas municipaes, que sei eu...

Freios e mais freios.

A gente vive tão enleuada e está tão habituada a estes laços que já não sentimos as nossas algemas. Isto sem falar de toda a obscura carga de hereditariades provindas dos mortos, de que

Quer café ?

Compre qualquer marca

Quer café especial ?

COMPRE GUANABARA

sem saber, revivemos os gestos, modos, idéas e sentimentos.

Em nós, intellectuaes, esta despersonalização se agrava pela cultura. Lemos tanto e tão profusamente nos embebemos do pensamento alheio que se nos torna difficil quasi, pensar e sentir por nós. Temos o subconsciente tão saturado de alheios efluvios que o consciente, máo grandando nosso, disto acaba se ressentindo.

Sermos nós-mesmos, que ambição!...

Se V. fosse amado pela creatura instinctiva de que sonlia sugestivamente a espontaneidade de sensações, tenho a certeza que em pouco tempo se desencantaria do seu primitivismo sem complexidades.

Para uma civilização da sua especie só a complicação das almas que não se mostram... talvez unicamente para serem adivinhadas!...

Uma tupiniquim amal-o-ia com a singela animalidade da sua intacta selva-geria, não lhe daria esta impressão rara e preciosa entre todas a da intelligencia na voluptuosidade, na ternuta e na submissão.

Uma tupiniquim, sim talvez com regimen vegetariano durante uma temporada. Para sempre, acabava enjondo-o até do proprio vegetal. Não exija, pois, da mulher pela qual pretende ser amado este absolutissimo integral de sinceridade que não acharia em V. echo semelhante.

Contente-se com a relatividade. Se V. tivesse coragem de ser realmente e que é eu o que sou, parece-lhe em verdade que seria-mos apenas o que somos?...

Anna Lucia

INSTITUTO 7 DE SETEMBRO

Rua Barão de S. Borja 385

Director--Prof. Paulino de Andrade

(DA ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETTRAS)

Mantem este educandario, cursos infantil, primario, médio e gymnasial, moldados nos principios da pedagogia moderna, para o que se acha magnificamente aparelhado, aceitando alumnos internos, semi-internos e externos.

Compõe-se o seu corpo docente de professores da maior idoneidade e em que figuram nomes da mais alta representação em nosso magisterio, entre os quaes o do dr. Pedro Augus-

to Carneiro Leão, director do Lyceu Pernambucano que presta a este Instituto não só os seus serviços de professor, mas ainda a incontestante orientação da sua capacidade profissional.

Este educandario attendendo aos alumnos que têm de prestar exame de admissão em Março, já se acha funcionando com aulas deste curso.

Informações e estatutos na Secretaria do Collegio.

Rua Barão de S. Boja, 385

O ultimo de Olinda
para vocês...

De Gyb Kxôro

E' o fim.

A *season* agoniza aos poucos, tristemente reclinada á margem do Atlantico, como uma grande mari-pozza azul a bailar num ultimo co-ruscar de suas azas de luz ante a chamma rutilante e implacavel dum cirio inquisitorial. O Anno-Novo resolveu acabar com tudo isso que faz o encanto de Olinda, no verão. Aliás, todos os annos-novos são assim. Reformadores impertubaveis e austeros, tyranmos quasi, vão logo suprimindo a alegria e a liberdade. Porem depois, quando o inverno já lhes encaneceu a frente e elles são tão somente annos-velhos, tornam-se benevolos, consentem tudo e morrem felizes num bulicio de festas e de luzes...

Muito breve Olinda dormirá seu longo somno socegado, na immobilidade fria do inverno. E o Gib já não sentará ante uma das mezas do Etna olhando e commentando com os seus botões discretos a vida de quem vae.

E você, Evonia, não mais passeará sua graça infantil e interessante sob um fulgor de luzes deslumbrantes e de olhares deslumbrados.

Nem verei mais passar o vulto encantador e subtil de Elza por traz da cortina tenuissima de fumo que o meu cigarro estende num grande aneio azul ante os meus olhos...

E você, Zuleide, que roça a minha imaginação como um lindo sonho moreno...

Nem você virá mais lá do Pharol, Lourdinha, passear ao lado do feliz José, pondo um gostinho de ciumes no meu *cock-tail* sentimental...

E Ninita? Ah! Essa nem esperou o fim. Foi-se, E foi-se porque achou o Luiz melhor do que nós.

Mas nós lhe perdoamos, Ninita. Porque nós somos um Areopago vencido. E você a Phrynéa divina de Bilac...

Ora graças! Marina e Myriam ficam por mais algum tempo. Para bem do Nelson e feicidade geral de nós todos...

E a outra Marina? Ir-se-ha tambem?—Aquella morena esbelta e preciosa como uma fainça d'Italia.. Que tem no andar o rythmo sinuoso das serpentes sagradas...

Você, Carmelita, deve ir mesmo. —E' bom que o faça. Porque se não acaba de virar a cabeça de muita gente boa... Pois não ha noticia de um sol mais rutilante do que os seus cabelos. Nem uma rosa mais vermelha do que o cörte lírico dos seus labios de sêda...

Você conhece, Olga, aquella estrophe de Menotti? Pois agora "ou fica o João sem Olga e Olga sem Joãozinho, ou Olinda sem os dois..."

As Maranhão naturalmente irão tambem. E' pena! (Decididamente o Gib desta vez ficará sozinho) Mas... Qual dellas será Alahyde? Esta aqui, linda como os amiores, ou aquella... mais bonita ainda?...

Helena irá? Creio que não. E' bom, porque ella tem umas que valem por duas. E o ultimo *bluff* que ella pregou ao Miguel é grande, espadaúdo e chama-se Olympio...

E os vestidos de Glauce? Quanto tempo irei passar sem vê-los? Sem senti-los a se desdobrarem numa languidez de vaga ante a retina irritadiza e sensível dos meus olhos?...

Dentro de breves dias a banda de musica iremirá num arpejo harmonioso uma derradeira sonata languida e saudosa. Depois, o quasi-silencio dum sussurro distante... E o rumor evocativo dos *tramcars* pelos rails...

E, durante oito mezes a fio, ficarão pontas de cigarros se destacando pelo asphalto, e uma saudade louca a bailar por sobre a relva verde dos canteiros...

Entretanto eu conheço alguém que se fôr embora nunca mais será chamada "o grande coração do *footing*". E não se dirá mais que Evonia é "esbelta como os lírios de Menotti"... Nem Olga — "a *um la Gandara* morena".

Quem será pois esse alguém cuja ausencia desencandeará semelhança cataclysmo?

—A paciencia do Gib...

Saudação

Ao major Raul Pedreira

Recife! Encantadora cidade do Norte! Bella entre ás mais bellas! Tens em ti as mais encantadoras bellezas da creação! Eu te saúdo e te admiro!

Reclinada eternamente entre as dolentes aguas do Capibaribe e as ondas bravejantes do mar, pareces uma princeza orgulhosa, cercada de seus vassallos!

Cantam-te divinamente os teus poetas! Tu és a cidade maravilhosa das paixões e dos encantamentos!

Jamais conheci um céu tão limpo, claro e bello como o teu! A's tuas noites são calidas e formosas! Como é agradável e deliciosa a briza que constantemente sopra sobre ti!

Eu te envio envolta nesta mesma briza ligeira que passa, o meu mais bello e patriótico beijo! E' o meu reconhecimento pelo bem que tu me fizeste e pela adoração que soubeste despertar em mim, Recife adoravel!

Não imaginas, querida, como o meu coração é cheio de amor por ti! Como eu te admiro e te adoro!

Longe, longe daqui, em minha Minas tambem muito querida, sempre me recordarei de ti com saudades!

Quando partir deixarei sepultada no fundo das tuas aguas a metade do meu sensível coração!

Jamais te esquecerei e serei eternamente escrava de teus cantos!

Recife, 10-1-930

MARA REGIS



MEU TRISTE NATAL

Noite!

No céu a lua illuminava a terra e as estrelas scintillavam, parecendo joias, espalhadas pelo Deus-Menino, sobre o espaço infinito.

Na terra, os Povos festejavam o dia feliz, da vinda do Messias.

E na aldeia n'esta pequena aldeia, em que residio, a festa prolongava-se ainda mais alegre, animada por diversas jovens, que iam e vinham, n'um vae-vem de quem não pensa e de quem parece viver em plena felicidade sobre a terra.

As crianças corriam alegres, pela multidão, à espera da hora suprema da missa do galleo.

Enfim! tudo alegria e prazer! A tristeza esta noite, dominava somente; o triste abrigo d'algum camponez cuja sorte lhes foi desfavoravel, a rustica cabana de uma mãe que desesperada via seu filho morrer á fome, e afinal repousava na mais pauperrima habitação do homem infeliz.

Mas, os corações alegres, não se lembravam dos desgraçados que n'esta noite soffriam as privações da vida!

E eu pensativa, recostada sobre um divan, sentia tambem a tristeza invadir-me a alma.

Recordava...

E, a recordação me levava ao abysmo onde a *tristeza* e a *saudade* me faziam soffrir.

Mas... que recordava?

Ah! recordava... o Natal na minha terra!

Lá... tudo tinha mais graça para mim, que esta aldeia.

A lua, era mais bella!

E eu tinha saudades da minha terra... da «minha gente».

E... ainda mais... tinha saudade... de um amor, que tristonho ficou a espera que eu voltasse! Natal na minha terra!

Que noite de encanto!

A alegria é geral; d'esde o rico potentado, ao misero camponez!

Meia-Noite!... a missa!...

N'aquella igrejinha branca, que ficava por entre as arvores do bairro em reboição, era celebrada a missa, pelo vigario da freguesia.

Nos theatrinhos, as pastoras representavam aquellas scenas biblicas do tempo de Jesus!...

Emfim... que differença!...

Hoje!...

E' morta para mim a Noite de Natal!

Minh'alma triste e pensativa, só busca recordar o passado feliz da minha vida.

Meu coração... vive de Esperança, mas... atormentado pela *tristeza* e pela *saudade*.

Dóce Natal da minha terra!

Quando souo Meia-Noite, ainda eu ouvia as vozes alegres que vinham da praça...

E... eu recordava...

Floresta dos Leões—6—1—1930.

OARTLE CEBENSE

O nosso concurso infantil

O exemplo do que já fizemos ha annos passados e que logrou um grande successo A *Pilheria* lança hoje, as bases de um concurso de belleza infantil afim de apurar dentre as creanças do Recife qual é a mais bonita.

Vamos fazer pois a eleição.

A eleita deverá ser a menina mais bonita da cidade e que não conte mais de 10 annos.

As apurações irão sendo feitas semanalmente, as quartas-feiras, as

3 horas, da tarde e os resultados publicados nos sabbados. A victoriosa «A Pilheria» reservará lindos premios que opportunamente irão sendo expostos em varias casas commerciaes e publicará o seu retrato na capa e em trichromia, promovendo neste dia uma linda festa infantil para encantamento da guryxada pernambucana.

A apuração total do concurso será no dia 17 de Abril, em nossa redacção, com a presença de pes-

soas interessadas. No dia 4 de Maio então realizaremos a festa que alludimos para coroação da prínceza da graça e da belleza pernambucana.

Concurso Infantil

..... é a
menina mais bonita do Recife

PAE JOÃO

Paé João olhou o céu. A noite constellada,
empoeirada de estrellas...

Recordou a pujança antiga dos seus braços
quando, ao cabo da enxada,
cantava canções singelas
marcando o compasso
batendo co' o aço
no ventre do chão.

E, depois, as colheitas muito verdes,
viçosas como o talhe de Paé João...

Agora
elle é como o bagaço da canna moída,
um destroço qualquer no mar da vida,
um espantalho do que fôra outrora...

"—Paé João,
que é daquelle teu cabelo pixaim,
pretinho como a aza do anum,
escuro como a alma de Caim?"

"—*Ai sinhozinho, niblinou veice
Na cabeça pretinhã de Paé João...*"

F. eu julguei, vendo o chão
beber aquellas lagrimas brillhantes,
que ellas seriam um dia diamantes
grandes como as pupillas de Paé João...

Paé João, o velho escravo, succumbio.
Tudo chorou em derredór num pranto
amargurado de saudade intensa.
Viram-n'o um dia, morto, lá num canto
da casinha de taipa onde morava,
olhando o céu num sorriso
vermelho dos labios grossos...

E, quando naquelle domingo de feira
passava o enterro de Paé João,
todos se descobriam com respeito
como se todos sentissem
no imo do coração
que naquelle ataúde de madeira
ia cousa maior do que um escravo:
—ia ser enterrado, alli, bem perto,
um pedaço da Patria Brasileira!

Sangue Mineiro

Humberto Mauro, o director da "Phebo Brasil", nos escreveu uma longa carta, em que nos fala dos seus trabalhos em *Sangue Mineiro* e dos seus planos futuros. Alma da companhia, a que a sua espantosa operosidade dá incremento cada vez maior. Dedicado elemento do nosso cinema, a que tem prestado auxilio poderosissimo, Humberto Mauro tem visto, por isso, a sua obra ir caminhando sempre, acolhido pelo publico, amparado pela imprensa, que nelle reconhece qualidades admiraveis, e deve sentir-se satisfeito.

Conseguir, em pequeno espaço de tempo, numa empreza que luta com mil difficuldades, fazer tres films, e mais do que isso, ter exhibido dois em cinemos de primeira linha, já é obter immenso, nesta terra em que pouco ou nenhum auxilio os poderes concedem aos que labutam por um ideal bem patriótico—o levantamento de uma industria, a cinematographica.

Dois dos seus primeiros trabalhos—*Thesouro Perdido* e *Braza Dormida*, correram os cinemas do Rio, passaram-se para outros Estados e, ainda por muito tempo, vão caminhar pelo Brasil afóra, levando a visão das nossas cidades mais adeantadas, das bellezas do Rio, mostrando aos habitantes de longinquas paragens, o encanto da nossa cidade... Que propaganda melhor do que esta, para attrahir torasteiros á capital?

Humberto Mauro já terminou a nova produção da "Phebo Brasil" *Sangue Mineiro*—e, dentro de algumas semanas, aqui estará elle para nos mostrar o seu mais recente trabalho.

Cercado ainda de outros elementos dedicados, Humberto Mauro vae continuando a sua obra, iniciada ha alguns annos já e cujos fructos só recentemente elle principiou a colher.

Outro film elle começará a produzir, dentro de muito pouco tem-

po realisando, assim, a sua promessa de trabalhar pelo cinema no Brasil.

Chamar-se-ha *Ganga Brata* a nova pellicula, que já se acha em elaboração. A "Phebo Brasil", depois do exito obtido com *Braza Dormida*, entrou em periodo de mais estabilidade, apoiada ainda pela acceitação que o publico dispensou a essa nossa produção.

Na "Phebo Brasil" trabalham moços cheios de fé e enthusiasmo. Veem, em contacto com a natureza ardente, o Brasil, tal e qual é, grande, forte e robusto e enchem-se de ardôr patriótico, desejam que a terra que lhes foi berço, se emparelhe com as demais, em todas as manifestações de actividade: material, intellectual e artistica.

Por isso estão triumphando, por isso estão impondo á consideração e ao applauso do publico, a existencia do nosso paiz de productores de films.

O desinfectante Ideal

~ PHENOLINA ~

Preço de lata de 1 litro 2\$000

Indispensavel nas lavagens de
casas e nas desinfectações

~ geraes ~